

# Tirania

O que atualmente se está | passando na cidade de Lamego-os atentados contra a lei do descanço semanal, cerceando duma forma arbitrária os direitos nela consignados á nossa classe — pelo carácter que reveste, não pode deixar de ser qualificado senão de tirania. De tirania sim, porque se postergam direitos que um princípio democrático outorgou, devido ás autoridades se arrogarem com poderes discricionários, praticando o livre arbitrio.

hra

run-

Ora é pois a tirania que impera e a opressão que campeia naquela cidade beira!

Senão vejamos: A câmara municipal de La-

mego-preconisadora como as demais câmaras de Beja, Pombal, Barcelos, Viana do Castelo e Aveiro, da doutrina do posso, quero e mando, na terra portuguêsa—tendo á sua frente como presidente, o dr. Alfredo de Sousa, celebérrimo espesinhador do descanço semanal aos nossos camaradas lamacenses em 1911, o que valeu uma vig rosa campanha do extinto jornal da classe «O Caixeiro do Norte», conluiada com um grupelho de comerciantes a que dão o pretenso titulo de Associação Comercial de Lamego, e que tambem são vereadores municipais, procura transferir para a quarta feira o dia de descanço sem encerramento e só para caixeiros. E para isso convocou uma reunião de juntas de paróquia, e iludindo-as ardilosamente com crises comerciais e agrícolas, estado de guerra, etc., levaram as a aprovar um ukase atentatório da lei do descanço semanal, que traduz, como legislação naquele sentido, o mais ilegal e arbitrário que se tem publicado neste país. Porém o supracitado ukase já estava im-Presso quatro dias antes da reunião das juntas de paróquia; depois foi só dizer amen!!!

E' inaudito tal desfaçatez, fal arbitrio que caracterisam

os conspícuos edis lamacenses, menosprezando a lei, de que eles se dizem seus representantes e mantenedores, contra os direitos duma classe, proba e trabalhadora, que dia a dia concorre com o seu esforço, com a sua inteligência para o engrandecimento da vida económica do país. E ainda mais: são criaturas despidas de qualquer sentimento humanitário, pois excluiram de usufruir o descanço semanal, os marçanos — essas miseras crianças arrancadas dos seus sonhos infantis para traz dum balcão, sujeitas a uma infrene exploração dos patrões, das quais tiram grandes proventos!

E são estas criaturas que alardeiam servir abnegadamente a causa do pivo, quando se abordam dele afim de os elevarem até ás culminâncias do poder; são ainda estas criaturas que se dizem mandatários do povo adentro dos municípios, visto ser ele que aí as coloca, enlevado numa puerilidade atávica... Oh! tudo isso são hipocrisias, que os farçantes da política ousam apregoar para unicamente efectivar os seus sordidos e egoisticos designios!

E os factos corroboram as

minhas palavras: a lei do des-

canço semanal de 9 de Março de 1911, consigna que «o descanço semanal será, em regra, ao domingo, sempre de vinte e quatro horas seguidas»; que «a regulamentação desse decreto pertence ás câmaras municipais, de acôrdo com as associações respectivas e ouvidos os spresidentes das juntas de paróquia, devendo os respectivos regulamentos ser elaborados e postos em vigor no prazo de trinta dias, a contar da data do decreto. E ainda

mais a portaria esclarecendo a interpretação do dito decreto, de 15 de Abril de 1911, diz «que todos os regulamentos aprovados pelas câmaras municipais poderão ser alterados por estas se assim provadamente convier aos munícipes, ou se contra a sua execução

houver reclamação julgada | procedente pelo Ministério do Interior».

Pois bem. Mas tudo isto que a lei consigna, que estatue, é letra morta para a câmara municipal de Lamego; pois tudo fora infrigido, deturpado e mistificado afim de servir os sordidos interesses dum grupelho de comerciantes. E para isso não ouviram as verdadeiras classes interessadas, mas sim unicamente os apaniguados comerciantes do senado municipal, que constituem o compadrio indigena daquela cidade beirā.

Conquanto as medidas arbitrárias e despóticas da câmara municipal, fôssem aplaudidas pelo supracitado grupelho de comerciantes, os restantes, seus colegas (a maioria), não se deixaram perecer naquele turbilhão de despotismo e imoralidade, que pretende assoberbar Lamego. Porque reconheceram os impetos tira nicos dos edis, e a índole gananciosa de alguns seus colegas-por isso não chafurdaram nesse pantano de ignominia, nem colaboraram numa obra libertecida.

Belo gesto que os enobrece e os dignifica perante o Progresso; enquanto éles (edis e grupelho) continuam obsecados pelos seus torpes pensamentos que lhes anuviam os bestuntos, de tirania e opressão, de ganância e egoismo!

Embora esses obscurantistas do progresso e vilipendiadores dos direitos da nossa classe, alentem ideias de predominio, pretendendo impôr a sua doutrina-posso, quero e mando, jamais verão coroados de êxito os seus sinistros designios, contra os camaradas lamacenses. Pois encontrarão pela frente a atitude enérgica e decisiva da classe dos caixeiros, disposta a não permitir em tais actos tirânicos e liberticidas. E não julgue o dr. Alfredo de Sousa, e os seus áulicos, que a nossa classe é uma horda dos doces e quedos mujiks da Rússia, como talvez suponham?

Não, porque ela reagirá, impulsionada pelo espirito emancipador que começa a perdurar nas classes trabalhadoras, contra os gestos tiranicos e opressivos daqueles que, por um princípio arbitrário, exercem adentro da sociedade atual predominio sobre quem depende dêles.

E corroborando o que digo, acaba a Associação dos Empregados do Comércio de Lamego, numa atitude alevantada e enérgica, de lavrar o seu protesto contra o que aqui venho expondo; reunid extraordináriamente resolveu não aceitar a regulamentação-burla do descanço semanal naquela cide e nem voltar a usufruir qualquer espécie de descanço, uma vez que não seja ouvida, como classe interessada; outrossim spelar para a Junta Executiva (zona norte) da Federação das Associações dos Caixeiros Portuguêses, para que inicie um vigoroso movimento de protesta contra as med das arbitrárias, abusivas e ilegais da câmara municipal. E', pois, baseados na Justiça e na Razão, que os caixeiros lamacenses erguem o seu brado de rebeldia contra a extorsão de que estão sendo victimas, apoiados pelas classes trabalhadoras e pela maioria dos comerciantes (pois discordam da regulamentação-burla), existentes naquela cidade.

Mas, porém, os déspostas municipais, apesar dêstes protestos, e de a autoridade administrativa (o administrador do concelho, dr. Aires de Lemos) não fazer cumprir o seu ukase, pois faz constar que êle é nulo á face da lei, mas não toma contudo uma atitude enérgica a favor dos nossos camaradas, porque não quer criar inimizades, continuam olimpicamente, julgando-se oligárquicos adentro do burgo, procurando impor o que as suas mediocres mentalidades concretizaram na regulamentaçãoburla, contra o expresso da lei.

E o grupelho dos comerciantes, vendo a atitude do administrador do concelho em não querer pactuar com aquele despotismo, pois reconhece a justica que assiste aos caixeiros, embora ainda não lhes tenha dado o seu apoio franco e decidido, como acima disse, declara-se-lhe hostil; e entretanto não encerra os seus estabelecimentos ao domingo e não dá descanço aos caixeiros, trabalhando energicamente para fazer manter o regulamento-burla. E empenha-se para que o comércio imponha aos seus caixeiros a extinção da sua associação de classe e trabalha no sentido de despedir os seus empregados assalariados ficando a servirse com os marçanos a quem não tem de dar descanço!

Que ambiente deletério onde pululam tão torpes criaturas, expelindo ódio, rancor e animadversão contra a classe dos caixeires!

Caix-iros: não permitais tão nefandos atentados aos vossos direitos, á vossa vida; uni-vos num esforço único e fareis prevalecer aquilo a que tendes jus. Revoltai-vos perante a tirania imperante na vossa terra, porque ela é sufocante e deprimente para a vossa dignidade de homens; manieta-vos os esforços e obscurece-vos o cérebro. Num esforço viril. sufocai a sanha tirânica e opressiva da edilidade lamacense, e assim desofuscareis o ambiente em que viveis-e então incidirá nele o fulgor brilhante da liberdade, que é dado ao género humano usufrair,

Jàmais obediência a esses déspostas duma Rússia em miniatura, mas sim revolta porque ela é santa quando pugnamos pelos nossos direitos!

Contai com a solidariedade da classe, porque a Federação das Associações dos Caixeiros Portuguêses - entidade que tem dedicado o melhor dos seus esforços em prol da classe -vai apelar para ela, de forma a levar a prática um grandioso movimento de protesto

contra o despotismo de que estais sendo víctimas. E para isso acaba de tomar as seguin-

tes resoluções:

1.º-Levar a questão junto do Tribunal do Contencioso Administrativo de Vizeu, para que obrigue a Câmara de Lamego a fazer a regulamentação do descanço de harmonia com o decreto de 8 de Março de 1911;

2.º—Instar com o ministério do Interior para que não aprove a recente e ilegal regulamentação, visto que, sôbre ela, não foi ouvida a Associação dos Empregados de Comércio, como determina o decreto, que, com fôrça de lei, foi publicado;

3.º-Levar o seu protesto enérgico e altivo junto do Senado Municipal de Lamego;

4.º-Promover na imprensa da classe uma tenaz campanha àcerca desta questão; e

5.°-Interessar neste justo movimento de protesto todos os sindicatos da zona norte, existentes no país.

Portanto, dentro em breve, uma vez que a solidariedade da classe se não faça esperar, tereis derruido a oligarquia dos Sousas na vossa terra, e afirmados os vossos direitos.

São as minhas esperanças.

Caixeiros, meus irmãos de trabalho, sujeitos ás mesmas contingências como os camaapelo, numa cruciante situação daqueles camaradas, afim de lhes prestardes a vossa solidariedade.

Demonstrai os vossos sentimentos de fraternidade, de solidariedade e de amor, que nos devem unir nas pugnas da vida contra os potentados da Terra.

Em cada terra, onde haja sindicatos da nossa classe, que eles interpretando o sentir dos seus, componentes, levantem o seu brado de protesto, solidarizando-se com os camaradas lamacenses.

Eis o apêlo que vos dirijo, presados camaradas, com todas as veras do meu coração, em prol dos nossos escravisados camaradas de Lamego.

A' luta, pois, unindo-nos os mais estreitos e fraternais laços da união e da solidarieda-

Porto, 20-10-914.

MAGALHAES JUNIOR.

#### Correspondência

M. R. M.-LOUZA -Recebemos e agradecemos a sua carta. Não publicamos a c. a. neste nú: mero por falta de espaço, mas publicamos-lha noutro. Desculpe.

J. O. C.-PORTO.-Pedimos que mande aquela contasinha...

M. P.—BRAGA.—Recebemos o seu postal, que agradecemes, e de que estamos scientes. Muito obri-

#### POR LISBOA

#### FEDERAÇÃO DOS CAIXEIROS PORTUGUEZES

#### Primeira reunião do Conselho Geral

Se é um facto que até hoje nada de positivo no que diz respeito a regalias para a classe temos usufruido do aturado trabalho da Federação das Associações de Classe dos Caixeiros Portuguêses, não é menos verdade também que as Juntas Executivas, Zona Norte e Sul, teem sido incançáveis, trabalhando com uma verdadeira tenacidade e amor, para que o caixeirato Português deixe de ser aquela máquina a que determinado individuo, que a aluga por indeterminado tempo, lhe dá corda, e a põe a funcionar qual autómato, dentro dum balcão; deixe de ser enfim aquele ser inconsciente de outros tempos, em que a opressão tirânica do patrão lhe não deixava penetrar no cérebro um pequeno raio de luz e educação.

Quer isto dizer, que a proficui-dade dos trabalhos da Federação não tem sido como era para desejar, mas dessa improficuidade somos nos únicos culpados, que ainda não quizemos compreender quanto de belo e sublime encerra a palavra União, quando ela é formada por verdadeiras consciências, que sabem coordenar os seus actos com as suas palavras, tendo assim a nitida compreensão dos seus Deveres Sociais.

E' triste dizer-se que nesta turba da indiferença com que a Federação tem lutado, se encontram sindicatos da Classe legalmente constituidos!

Vejamos pois que noção teem os corpos gerentes das associações do que é a palavra Associação, as quais infelizmente teem os seus destinos ligados a individuos que desconhecem as responsabilidades que os Deveres Sociais impõem a quem se encontra á frente dos destinos de uma colectividade proletária.

E' tristissimo, é deplorável mesmo, mas exatamente porque o é, não se deve ocultar, para que os dirigentes dessas colectividades saibam quanto é grande o pesar daqueles que melnor um pouco compreendem o significado da palavra Associação, e bem assim Federação.

Vem isto a propósito do indiferentismo por várias formas manifestado para com a Federação por diversas Associações da Classe, que não teem correspondido ao chamamento ás suas fileiras.

Por esta pequena amostra, já os colegas veem que a Federação luta com uma indiferença muito mais ingrata do que aquela com que as Associações lutam nas suas respectivas localidades.

Tiramos pois a conclusão de que grande tem sido o estorço empregado pelas Juntas Executivas, Zonas Norte e Sul, sendo certo que êsse árduo trabalho, apesar de moralmente muito ter conquistado, não tem sido correspondido pelas nossas Associações como era para desejar.

Terminadas estas considerações, vou descrever rapidamente o que se passou na primeira reunião do Conselho Geral da Classe.

São trese horas e 50 minutos, quando José de Almeida sobe o estrado da Presidência, para encetar os trabalhos.

Descreve o que foi o congresso de Coimbra rialisado em Maio de 1913 e depois de várias considerações, convida a tomar posse os delegados do Conselho Geral o que se les pela ordem seguinte:

Aveiro, António Joaquim Ramos Sérgio.

Lamego-Miguel da Paz Oli-

Coimbra-Amilear da Costa. Caldas da Rainha-Júlio Mar-

Vendas Novas-Ilidio da Mota-Braga-Sebastião Bela.

Vizeu - Joaquim Vaz Ferreira. União do Pôrto-Joaquim Domingues.

Viana do Castelo - Antonio Rodrigues do Amaral.

Famalicão - Eduardo Faria. Santarem-David de Carvalho. Lisboa-José Milheiro.

Setubal - Nunes Afonso. Tomar - António José da Silva. Chaves-António Joaquim Nunes Pereira.

Faltaram os delegados das Associações da Régua, Oeiras e Cascais, Evora, Elvas, Portalegre e

Terminada a posse, José de Almeida sauda os representantes e espera que o Conselho saberá julgar criteriosamente os actos das duas Juntas pelos relatórios que vão ser lidos.

Diz que para cumprimento do estatuto da Federação, deve presidir às reuniões do Conselho Geral o delegado que represente a colectividade mais antiga, mas como isso neste momento não é muito fácil saber-se, além de nos omar muito tempo, pede ao Con-

selho indique o delegado que deve presidir a esta reunião.

E proposto por unanimidade Joaquim Domingues, delegado da Uniao dos Empregados de Comércio do Pôrto, que reassumindo o logar, é recepido por uma salva de palmas.

Este colega, depois de várias considerações sobre a presente reunião, concede a palavra a José de Almeida para a leitura dos relatórios Zona Norte e Sul, que por ser inteiramente impossivel não publicamos na integra, como era nosso desejo.

passo e passo os trabalhos executados pela Federação, junto dos Sindicatos da Classe do Governo e do Parlamento, etc., que mereceram inteira e completa aprovação do Conselho.

Terminada a leitura, Joaquim Domingues passa a fazer a nomeação dos colegas para os seguintes cargos dentro do Conse-Iho Geral:

Comissão Revisora de Contas— Joaquim Vaz Ferreira, Miguel da Paz Oliveira e António Rodrigues do Amaral.

Comissão Revisora dos Estatutos-Eduardo Faria, Joaquim Domingues e Amilcar Costa.

Por fim é apresentada uma moção de Amilcar Costa sôbre a confligração Europeia, resolvido dar a major publicidade possivel aos relatórios, na imprensa da Classe, e que as reunides do Congresso se rialisem no 2.º domingo de cada mez.

Como não houvesse mais assuntos a tratar nesta reunião, foi encerrada pelas 16 horas, com entusiásticas saudações á Federação, ao Caixeirato Português, Proletariado, etc. H. Albertada e de constante de c

A. LOPES FRAZÃO.

Carta de Vizeu

## A QUESTÃO DE LAMEGO

Um grande comicio de protesto rialisado em Vizeu

As arbitrariedades cometidas pela Câmara Municipal de Lamego, que vem sendo relatadas pormenorisadamente pelos jornais da classe, não passam sem o justo protesto da classe caixeiral viziense, que vendo esfrangalhada sem respeito algum a lei do descanço semanal naquele concelho, se levantou altivamente num comicio rialisado, no pretérito domingo, 11 de Outubro, na Associação dos Empregados de Comércio, comicio que atingiu uma extraordinária animação.

A's 14 e meia horas achava-se o vasto salao repleto, vendo-se em grande número representadas as classes operárias, especialmente manufactores de calcado e construtores civis com suas bandeiras. O colega

Alfredo Luiz

presidente da direcção, subindo ao estrado explica os fins do comicio e convida para a presidência o sr. António Rodrigues de Oliveira, opulento capitalista de Lisboa, que por sua vez convida para secretariar os srs. Luis Ferreira, presidente da Associação Manufatores de Calcado e José Madeira, presidente da Associação Construtores Civis. A assistência acolhe êstes trez nomes com uma calorosa

O sr. António Rodrigues de Oliveira diz ser com enorme satisfação que preside aquele imponente comicio, desconhece a ques-tão que ali se vai debater mas dános o seu incendicional apolp, pois conhece bem quanto a nossa classe é oprimida e quanto é sempre justa e generosa nas suas reclamações. Em seguida da a palavra ao colega

Augusto Fonseca

Aconselha a que zelemos com arreigado amor e dedicado esfôrço todos os nossos direitos e regalias, pois só cumpriremos um dever, e nos defendamos dos ataques injustos, das vinganças perversas, dos atropelos edificantes, satisfazendo um direito que a moralidade impõe.

Devemo-nos revoltar contra as atrocidades cometidas pelo sr. Alfredo Sousa, que assentou arraiais em Lamego e que querendo mostrar talyez a sua magistral competência, os seus foros de superfino legislador, faz as emendas que muito bem quer á lei do descanço, não desprezando as suas conveniências e de colegas seus comerclantes, o que é um abuso cometido que muito nos prejudica, pelo que se sente vivamente indignado.

Que protestemos com toda a energia, na ardência das nossas fôrças encontraremos sempre valor e resistência para mantermos firmemente a nossa dignidade.

E' então dada a palavra ao colega M. Pinto Ferreira

que inicia o seu discurso verberando acremente o autoritarismo de que se serviu o sr. Alfredo Sousa, para amesquinhar as regalias que nos confere a lei do descanço, e que todos se devem unir para protestar contra quem abusando do seu poderio espesinha as classes que só do seu trabalho subsistem.

O direito tem de ser dado a quem de direito pertence e o cumprimento do dever ha-de ser exigido a quem por dever tem de o

Pormenorisa as consequencias que podem advir, quando uma classe se ve expurgada de direitos que eram seus, multo seus, que

sente comprimidos desejos de revolta que por vezes estalam em desabafadas manifestações de indignação, nem sempre dirigidos pela cordura e pela ordem, manifestações que por vezes tem arran-cos de tal violência que produzem trovoadas de revolta e inundações de protestos.

Que a classe saiba bem desempenhar o seu papel caminhando sempre de cabeça bem erguida, exigir um direito que muito bem lhe pertence.

A seguir usa da palavra o colega Elisio Esteves

que num pequeno mas eloquente discurso se refere ás arbitrárias resoluções da Câmara Municipal E eu de Lamego, a que preside o sr. Alfredo Sousa, contra o que todas as classes devem protestar.

Refere-se á luta entre patrões e empregados, isto é, entre o capital e o trabalho, e faz referências a um caso ainda muito recente em que o patronato viziense mais uma vez mostrou o menosprezo votado aos nossos direitos, contra o qual se insurge.

Incita os seus colegas a que não descurem os interesses da classe, e se unam fortemente para que dessa união resulte a satisfação das nossas reclamações, e o aniquilamento da opressão odiosa Não que abunda em grande escala na Não classe patronal, jamais nos arre-penderemos dos esforços empre-Do q gados para que a libertação da nossa classe seja um facto.

E' dada em seguida a palavra Se e. ao colega

Com ardor e eloquencia começa o seu discurso por um protesto contra a aut ridade municipal de Lamego pelo tamoso edi- Most tal em que se não atende as dis- Serio posições da lei, antes pelo contra-rio se coartam as regalias, que bem minguadas são, do caixeirato.

Tendo em atenção a classe dos E nã marçanos, que calorosamente de- Mest fende, e que no tal cuital são pri- Parc vados do descanço, o orador estende-se sôbre o assunto que all se está tratando, sempre acompanhado pelos ap los da assistênc ataca vivamente as violências exercidas pelo patronato sobre essas crianças - os calxeiros de amanná; faz um incitamento as classes operarias ali reunicias para que protestem ruidosamente contra as vexatórias medicias do dr. Sousa, que la bate o multo vein prejudicar a nossa classe. elegiaco

Basta de tanto atropelo e de clacre de tanto escarneo! Basta de tanta real mai vingança e despotismo!

Protestemos! Lancemo-nos he Céu róica e aguerridamente no campo ginoso fa do dever e da luta, defendamos le rubra até ao último extremo os nossos ainda ho direitos, a nossa nonra, a nossa cias da el liberdade!

O presidente da direcção, como ta, especia não haja mais oradores, apresen- linta dos ta uma moção de protesto contra Desce a Câmara Municipal de Lamego, fuida con moção que foi aprovada por unanimidade e assinada pelos presi- dequalqui dentes das associações de classe radiculas all representadas, sendo entregue tritte, ou no dia imediato ao sr. Governador Vai s. Civil de Vizeu, juntamente com religiosis. uma representação enviada pelos nossos colegas de Lamego.

Fol tambem enviado um tele- interior grama aqueles nossos colegas manifestando o nosso apolo nos seus justos protestos, dispostos a seguir todas as marchas necessárias para a defesa desta justissima causa.

V.zeu, 18 | 10 | 914. MANUEL PINTO FERREIRA

Ten Eng Vag Tall

Tris Son

Qua Vive

e rosa de

porém, e

Silêne

Vamo

## Secção Literaria

## Musa agreste

23 A (A NINGUEM)

No teu nivio leito, talvez já dormindo, Tenhas sonhos lêdos, prenhes de ventura, ani- Enquanto eu nas trevas desta noite escura, Vagueio errante, lágrimas carpindo!

Talvez mesmo em sonhos, estejas sorrindo, Deste meu afecto, desta crença pura: Talvez que p'ra ti, a minha desventura Seja um bem ditoso, um enlevo infindo!... fintes e branco de Dence

sem-

iida,

ente

árias

e to-

es e

capi-

ncias

e em

mais

rezo

ntra

que

da

para

ssas

nna;

ope-

pro-

ma-

seus

IRA

Dorme enquanto a lua vagueia suave, Triste, muito triste, alem p'lo zenit: Sonharus comigo, com outro, quem sabe?

cipal E eu neste mundo, só p'ra ti vivil Sonha enquanto en verto pranto de saudade, Dorme enquanto eu sofro, p'ra sofrer nasci I... BESDEL LONG HIDSHIGHT, NO REPROPERT

## CRISTALIZAÇÕES

MOVEMEN NA JLUSÃO ....

(A ALGUEM)

liosa Não posso, como queres. descrever-te a vida; a na Não atraiçoarei o meu viver passado Que me indica um futuro mais martirizado Do que esses dias que la vão sem despelida.

avra Se esperas desta mente pobre e diluida Quatorze linhas ao prazer que hás sonha lo, Viverás só no mundo nu, despovoado pro- Até que volva ao nada da eterna lida.

edi- Mostrar-te rosas, ocultar tanto sofrer dis Seria gôsto de enganar êste mea ser sem ter cinismo p'ra jurar de rir contigo!...

tato. E não será melhor falarmos a verdade, de. Mesmo que pereçamos na atroz realidade pri- Para que eu chore quando tu chorar's comigo?!

## OUTONO

(A Delfim de Vimaranes) E próximo Novembro. A' menha por-

que la bate Outono, passa, vagaroso em contejo. ASSE. elegiaco de tristura, apagando a tonalidade e de claire das coisas sobre que já o riso auroanta real não lança fluidamente a caricia oiro e rosa da mankā.

he- Céu ligeiramente plumbeo, fundo fuli-111po ginoso fundindo a hidrargirium a hematimis terubra dos poentes, onde as nteus alhos 8806 sinda ha pouco iam sorver as magnificên-OSSA sias da cor, eis que se cerra a minha adoração, sem horisontes nem linhas curvejanomo les, espécie de crepe amortalhande a aguasen- linta dos longes.

Desce dos céus uma olímpica saudade ego, fluida como a rescendência longinqua dum una- conho, e vaga como a subtintima ondu lação resi- dequalquer coisa imperceptivel que tocasse as asse fodiculas intimas da vida, bafejo de noiva egue trute, ou suspiro tenue de viuva.

audi Vai se a terra adormecendo numa paz com religiosissima de sepulcro.

pelos Sonambulo e silencioso, com gritinhos, forém, estrangulados na gargania, pelo tele- interior dos ciprestes anda o passaredo a

taliar de ramo em ramo. Escutem a paz dos túmulos. Siléncio !

guit Vamo nos pois a ajoelhar sóbre a sepul-Base tura das rosas.

Guimardes — Outono de 1914.

Leão Martins.

Manhásinha saí do meu quarto -um quarto em côlmo em que eu habito ao sopé do «Zaire». -A lua, magestosa como uma rainha, parecia dormir ainda entre um frouxel de palmeiras, semivelada por um retalno de gaze.

E a natureza ainda não tinha despertado do seu sôno profundo. Sentei-me num tronco de arvore, onde a agua meigamente lhe vinha beijar as raizes ressequidas. E o ambiente recendente do local, o perfume almiscarado das mangueiras em flor, lembraram-me por um momento as manhas do outono do meu Minho. Depois lembrou-me, entre um suspiro de saudade, o meu belo tempo de calxeiro na pequena cidade provinciana onde eu estive. Era domingo. Momentaneamente tive inveja d s meus ex-colegas, que àquela hora, em Portugal, eram mais relizes do que eu no meu isolamento. Depois nao. Reflecti um instante e acnei que o futuro du-

ma grande parte dos caixeiros, era

precisamente egual ao meu.

-Como?!

Congo-Belge. Coquilhatville, Setembro de 1914.

Perguntar-me-ha num gesto de incredulidade algum caixeirito peralta, arremessando o jornal e carregando sobrôlho: - então estamos todos condenados a acabar os nossos dias no sertão?! Ora bolas!

- Não, carissimo colega; permite-me que te trate familiarmente, e se estás de pachôrra escuta o que eu penso.

Uma grande parte do caixeirato de hoje desceu da serra, criança ainda, sabendo apenas o suficiente para ser pouco menos que ignorante. Entra no estabelecimento e é logo destacado como adido á cosinha onde a sopeira, nuns assomos de general, o exercita no tirocinio que mais tarde o ha-de formar um criado perfeito. E o rapazinho entre as panelas negras e sujas como a alma da sopeira, rodeado de estranhos, recorda-se com saudade da sua aldeia, do sino do campanário, do ar puro dos seus campos, tanto em contraste com o ar nauseante do enxurdeiro... a que chamamos cidade.

Torna-se recolhido, pensativo, triste, desconfiado.

Mais tarde, porém, quando o tirocinio da cosinha esta concluido, desce á loja. Ai espera-o o que todos nós sabemos: paneada, insultos e mais coisas correlativas.

Entre gente de tal quilate, o rapazinho ingenuamente ignorante torna-se mau, pretencioso, viciado.

E' caixeiro... quando não é pôsto na rua com o iabéo infame

de ladrão. E quando vinga subir esse segundo degrau na escala comercial, o nosso homem, a não ser uma habilidade muito «estafada» nà forma de impingir ao saloto covados de riscado ou varas de pano cru, nada mais sabe: apenas herdou as manhas do patrão, a convicção do seu partido político...e uma certa forma de discutir, que ele muito á puridade escuta todas as noites entre os políticos profis-sionais, habituais frequentadores do estabelecimento. Aí fica a psicologia, -- com excepções, é claro -do calxeiro de hoje ou do patrão de amanhã.

Agora a segunda parte. Todo o homem tem as suas fazes da vida, em que a forma de pensar varia a medida que a idade val avançando. Ao entrar no balcão a nossa anelante aspiração é a gravata. Como calxeiros temos aspirações mais elevadas... sonhos ilusórios em que a im igem dum ente querido nos povoa constantemente a imaginação abrazada... depois sonhamos muito, tecemos caprichosas fantasias que mais tarde derrubamos!

E a alma sssim permanece, até quando um sopro de rialidade tudo dispersa! E, pois, quando nos compenetramos do que somos, é então que avaliamos a nossa situação verdadeira, sem futuro, sem esperança, e peor ainda, sem instrução que nos habilite a exercer a nossa profissão ou que nos torne dignos da classe a que pertence-

Nesta situação emigramos, buscamos como um paria a felicidade que nos foge e zomba de nos...

..... Eu quizera, caro colega, alongar um pouco mais o aranzel das minhas impressões...

Termino dando-vos um conse lho e deverieis aprovelta-lo: instrui-vos. A desonião predominará sempre no vosso selo enquanto não fôrdes verdadelramente instruidos: e, uma vez instruidos, podereis pronctiamente lutar porque conhecereis os vossos direitos.

(Ao meu intimo amigo Antonio A. M. A.)

Foi há muito...

O mez de Setembro conservou-se alegre.

Por esse tempo a natureza reveste se de luz e graça e toma um ar solene e grave de festa. Tudo é seiva e vida.

Por toda a parte, aqui e ali, flores; simples e vivas salpicam o verde macio das longas cespedes; alfombras de verdura brilham em todas as direcções; as árvores adornadas da sua folhagem rebicada e verde, folhagem leve que esconde os cachos frescos mordidos pelo sel e picados pela poeira, tệem harmonia, luz, beleza. Per toda a parte segredos leves de paixão, sinfonias de amor e crença, harmonias vivas de satisfação, efeitos mágicos, transformações repentinas, scenas variadas, capriches sérios, descantes renhidos, desafios bravos, gritos alegres, uma azafama enfim...

E' o Setembro, o mez feliz das descamisadas, o mez alegre das vindimas, do luar suave e dos amores passageiros, dos murmúrios confusos e das serenatas sentimentais...

Foi há mu to ...

Feliz foi esse tempo passado no campo. Um drama triste se de-

Uma mulher do campo, fresca e lin la, foi toda a minha tentação; foi o delirio brusco que transtornou a minha pacatez, o ideal tantas vezes sonhado que preencheu o vago das minhas ilusões; foi o objecto querido das minhas atenções e cuidados, o passatempo agradavel e feliz.

Era uma rapariga baixa, meio rolica, de ancas salientes e peitos duros; as linhas da face eram fi nas e longas; olhar de animal submisso, inocente e franco; as expressões e os gestos eram prudentes e moderados.

Era simplesmente bela. A todas as minhas atenções e sorrisos ela respondia com uma friesa de desdem e vergonha. O deseja ardente incitou me o capricho, a vaidade ofendida picou-me a coragem. Continuei a perseguila com insistência. Sempre o mesmo indiferentismo, a mesma frieza. Não desisti. Prossegui cada s forte, lutei com mais coragem e abnegação, até que venci. Desconfiava, tinha receio, mas apaixonou-se.

Oh! o amor vence e escravisa... Depois, mais de perto, principiei a perscrutar lhe o intimo.

Era sincera, simples e recatada. Muitas vezes, quando a minha pregunta era indiscreta, baixava os olhos e não respondia. Suspeitava das minhas palavras maliciosas, atingia claro o fin dos meus intentos, advinhava os meus de-

Era prespicaz e inteligente. Para mim esses recatos próprios de almas bem formadas, essas dúvidas e receios, não passavam de frivolas fantasias, pois que facilmente a minha habilida le dissipava:

Era docil, resignada; confiava e tinha esperança.

Possuia sobretudo um coração leal e amigo; coração que tinha todas as gentilezas e seduções, coração bondoso que perdoava e que compreendia.

Era enfim um livro de moral e e de virtude, de simplicidade e ignoja icia que maravilhado eu

Quiz, mais tarde, desviar-se da onda forte da paixão, quiz fugir á dô: aguda que a perseguia, mas sentiu-se presa; prendia-a uma fôrça poderosa: -o amor. Lutou ANTÓNIO LIMA. | mas não venceu. Eu ria-me, e ao

mesmo tempo lamentava-a. Era prudente o seu propósito; queria fugir... Ah!... mas ela não podia. Estava na idade das paixões violentas, dos caprichos funestos, das ambições. Um coração assim, viçoso, não cede ás imposições da familia nem às reflexões do pensamento; caminha cego, louco, atravez das vicissitudes mais acintosas, dos desgostos mais crueis, calcando imposições e contrariedades, confiando somente nos protestos de amisade e nas palavras de confiança.

Oh!... o amor enlaça e prende. Estava segura; era minha.

Lentamente fugiram-lhe todas as desconfianças, todas as dúvidas, e entregou-se-me de corpo e alma, certa de que eu seria para ela um protector seguro, um amigo fiel, um companheiro dedicado, seu único amor e arrimo.

Impressionou-me a dedicação extraordinária daquela mulher simples. Dispensava-me certos carinhos inocentes que me enchiam de vaidade, certas distinções elevadas que me tornaram de todo remântico.

Porém, toda essa dedicação não impediu a que eu tramasse.

Um dia, puz em prática o primeiro plano: disfarcei toda a minha alegria, e num propósito firme de quem duvida de todas as palavras e juramentos, tomei uma aparencia serena para não ser suspeitado, esperei a ocasião e propositadamente, calculadamente, selei com o primeiro beijo a confissão que vinha desfazer todas as minhas supostas cuvidas...

(Continua).

H Mroga

Recebemos a 1ª visita deste quinzenácio humorístico, que se publica em Fafe e que se apresenta bem redigido. Agradecemos e permutamos.

#### FEDERAÇÃO DOS CAIXEIROS PORTUGUEZES

Junta Executiva da Zona Norte

Sède-Rua Fernandes Tomás, 325

(Continuação)

Esta Junta, no cumprimento do programa que tracou ao iniciar os seus trabalhos, pretende crear bibliotecas nas associações federadas. que ainda não as possuam, e aumentar aquelas que, porventura, já existam. Não dispondo, todavia, dos recursos indi pensáveis para o conseguimento do seu fim, apela por este meio, para todos os caixeiros do país, rog indo-lhes a of irta de qualquer livro.

Necessário se torna promover a maior cultura da classe, instruindo-a e educando-a, para que ela, cônscia dos sous deveres sociais, possa altivamente reclamar os seus direitos. Que todos os camaradas se lembrem de que a instrução e a educação serno, no dia de ámanhã, os mais eficazes egentes da emancipação do caixeirato português.

Todo o bom caixeiro, que se prese de o ser, dove ser sócio da sua Associação e assinar os joruais da classe.

## JOSÉ LOPES DA CUNHA, SUCCESSOR

22, PRAÇA DE D. AFONSO HENRIQUES, 23

(Antigo Campo do Toural)

#### GUIMARÃES

Nesta casa, a mais antiga drogaria de Guimarães, encontra-se sempre um completo sortido em drogas, tintas, oleos, vernizes, pinceis, mulduras, vidraça e muitos outros artigos pertencentes ao mesmo ramo.

Depositario da MURALINE, tintas in-

A MURALINE é a tinta mais pratica à e economica até hoje conhecida e a mais à sanitaria e apropriada para o interior dos à predios.

PREÇOS SEM COMPETENCIA.



## CASA PENHORISTA VIMARANENSE

FUNDADA EM 1880

Propriedade de PEIXOTO & ROCHA
LEGALMENTE HABILITADOS

Operações sobre valores de ouro, prata, platina, pedras preciosas e papeis de credito.

RUA DA REPUBLICA, 144-GUIMARAES

## ARMAZEM DE MERCEARIA

#### OVIDIO VARELA DE ABREU ALMEIDA 14-RUA DE CAMÕES-18 GUIMARÃES

Completo sortido em generos alimenticios de primeira qualidade e preços sem competencia.

Cha, café, assucar, arroz, bacalhau, massas, bolachas, manteiga, queijo, etc., etc. Vinhos e azeites de 1.º qualidade.

Deposito de enxofre e sulfato de cobre. Carvão de coke, cada 15 kilos 230 réis.

## MERCEARIA E CONFEITARIA

#### PATRICIO

PRAÇA DE D. AFONSO HENRIQUES
GUIMARÃES

Deposito do afamadissimo pão de ló de Margaride dos vinhos genuinos da casa João Eduardo dos Santo Junior, do Porto.

Especialidade em artigos transmontanos e brazileiros Completo sortido em bolachas nacionaes e estrangeiras Azeite finissimo do Douro.

Vinhos tintos e brancos do Douro.



## QUEREIS VESTIR BEM?

Visitai a Alfaiataria Progresso da Moda d Gaspar Lopes Ribeiro—R. da República

(Antiga Rua da Rainha) AONDE ESTEVE A CASA HIGH LIFE

Esta acreditadissima casa confeciona pe los ultimos figurinos toda a classe de obra para homens, senhoras e crianças, garuntindo-se a elegancia do corte moderno e seu perfeito acabamento.

PREÇOS SEM COMPETENCIA.

#### JOAQUIM DE S. BOAVENTURA MENDES GUIMARÃES

1, RUA DE S. DAMAZO, 3

GUIMARÃES

Nesta casa encontra-se sempre completo sortido em cabedaes nacionaes e estrangeiros.

Deposito de malas e exportação de calçado.

PREÇOS SEM COMPETENCIA.

"O DESPERTAR,,

Quinzenario defensor dos interessa dos Empregados de comercio e industria, literario e noticioso. pro

xeir

frui

da

Enta

(por

Bocia

mara

gas (

rado mara venc

tos a

um j

da cl

mita

da ta

dade; les te ve re

gran

marā Ha

to, po

se tr

desca

1907, Franc

avari:

8i im

# PRAÇA D. AFONSO HENRIQUES, 27 GUIMARÃES

Preço da assinatura

Portugal e Africa—ano, E 0,60 (600 réis Colonias — » E 13 (13000 ») Estrangeiro — » E 1536 (13300 »)

A cobrança pelo correio aumenta 8 centavos (80 réis) a cada recibo.

O preço dos anuncios é convencional,

O DESPERTAR

bidadão





